

AQUI ESTÁ SEU PEIXE, FILHO

Marty Trammell

As ondas que se formavam do Estreito de Juan de Fuca pareciam brincar com o barco de 14 pés de papai. Estávamos indo em busca de salmões, em frente a um local chamado pelos moradores da região de "a caverna", próximo a Sekiu, Washington.

Até que não está ruim, pensei enquanto abria a caixa verde de papai para pegar um biscoito de pasta de amendoim. O ronco em meu estômago de dez anos, agora, estava sendo substituído pelo biscoito e pela satisfação de ver o brilho amarelado do céu a leste.

- Prepare-se, filho, eles já vão morder.

Papai colocou sua xícara de café no suporte que havia instalado no banco no último verão.

Fiquei a observá-lo procurando descobrir os segredos que os adultos nunca revelam a ninguém, mas, no entanto, passam aos filhos, como o canivete de família que me ofereceu em meu décimo aniversário. Embora eu não conseguisse entender exatamente o que papai fazia para o peixe morder a isca, sabia que a técnica que usava era a razão de seu sucesso com os salmões.

Esprei olhando fixamente para a ponta da vara de 1,80m, especial para a pesca de salmões. De repente, meu rosto ficou quente, e o barco parecia balançar muito, para cima e para baixo.

Eu segurava uma vara verde e branca, mas, ao olhar para ela, comecei a enxergar duas e, então, três... Papai observou a minha mudança de aparência com cautela.

- Oh, oh, parece que chegou a hora de alimentar o peixe.

A voz de papai parecia abafada e muito distante.

- Alimentar o peixe? - perguntei, confuso, olhando para o pacote de arenque congelado que estava a meus pés. Foi tudo o que OUVI.

Segundos depois, mais biscoitos de pasta de amendoim voaram para trás do motor de 18 cavalos.

- Você vai se sentir melhor quando parar de doer - papai me assegurou.

Suas bochechas vibravam enquanto segurava a alavanca do acelerador com a mão esquerda. Antes que eu compreendesse o que papai estava querendo me dizer, algo tentou arrancar a vara que eu segurava com meus dedos congelados.

- Olhe, um peixe! - o grito que papai deu provocou um eco.

- O que eu faço? - perguntei.

- Mantenha a ponta da vara para cima e não pare de enrolar a carretilha.

Eu enrolava o mais rápido que conseguia, enquanto papai virava o barco na direção de minha linha.

- Não consigo, pai. É muito forte.

Meus braços começaram a doer só de ficar alguns segundos tentando manter a ponta da vara no alto. Exausto, sucumbi, e a vara bateu contra a forqueta.

- Mantenha a ponta para cima, filho, você não vai perdê-lo.
O rosto de papai parecia radiante.

- Eu não consigo, papai. Meus braços estão doendo. Enrole a carretilha para mim!

Meus antebraços e pulsos pediam socorro, e o salmão continuava a mergulhar.

- Ali está seu peixe, filho.

- Mas eu não consigo manter a ponta da vara no alto, papai.

Você tem que me ajudar.

- Sim, você consegue. Ponha a perna acima do final da vara, assim você conseguirá manter a ponta fora da água.

Vi meu pai segurar a vara e rapidamente tirar a mão.

- Lá vai seu peixe, filho. Nós vamos pegá-lo. Espere para ver.

Uma nova força brotou de dentro de mim, e, 15 minutos depois, ali estava um salmão de dez quilos.

- Aqui está!

Papai largou a alavanca do acelerador e agarrou a rede. O pequeno barco balançou para o lado, fazendo com que eu batesse minhas pernas no rebite de alumínio que circundava todo o barco.

Papai me puxou pelos passadores da calça e empurrou-me para meu assento. Coloquei a extremidade da vara debaixo de minhas pernas novamente e voltei a enrolar a carretilha.

Uma volta. A força que o salmão fazia para não se render fez com que meu pulso sentisse que tinha rodado mais de um quilômetro.

Duas voltas. A linha se moveu alguns centímetros, puxando o salmão para mais perto.

Três voltas. Senti que o peixe desistira.

- Agente firme, filho, só mais alguns minutos. Papai parecia falar mais com o peixe do que comigo.

Mais alguns minutos?, pensei. Ele não vai jogar a rede? Minhas questões se perderam no som da minha carretilha; o salmão recuperou as forças e começou a mergulhar, roubando minha vitória bem diante de meus olhos.

- De novo, não - solucei. - Nunca vou conseguir.

As dores aumentaram instantaneamente. Estava derrotado.

- Papai, eu vou perdê-lo. Você tem que me ajudar. Por favor, papai.

Tentei continuar enrolando a carretilha, mas o salmão era mais forte. A perna que apoiava a vara escapou, e eu fui lançado em direção ao oceano. Papai me agarrou e me trouxe de volta.

- Você está quase conseguindo. Ele é seu peixe, filho. Não desista.

Ele pegou a vara novamente e, dessa vez, puxou-a mais lentamente. Tentei recuperar as forças, mas não conseguia. Orei:

- Por favor, Deus, só este peixe. Prometo que irei à igreja pelo resto de minha vida e serei legal com minha irmã.

Eu sentia que Deus gostava de pescaria. Afinal de contas, tinha proporcionado a Jonas uma grande aventura. Agora, quanto à parte de minha irmã, eu não tinha certeza.

De repente, a linha ficou limpa. Foi o sentimento mais horrível que já tive. O peixe se fora. Todo o trabalho, toda a dor, para quê?

- Filho, continue enrolando! Ele está vindo direto para o barco!

A voz de papai acabou com meus lamentos, e eu enrolei o mais rápido possível. Ele voltou a puxar a linha. Papai agarrou a rede com uma das mãos e, com a outra, ajudou-me a ir para o outro lado do barco. Lançou a rede em direção à linha. Seus joelhos bateram contra a armação de alumínio, enquanto ele ajeitava a rede abaixo do barco.

O tempo que papai ficou naquela posição pareceu mais longo do que uma aula de matemática. Silêncio. De repente, seus ombros foram para trás, suas costas se esticaram, e a rede, trazendo o maior peixe que eu já vira, voou para dentro do barco.

Essa foi a primeira e única vez que fiquei em pé em nosso barco de 14 pés.

Os pescadores da região comemoraram quando me viram segurando o peixe pela guelra direita, e papai, pela esquerda. Olhei para o rosto de papai e vi o maior sorriso e as primeiras lágrimas que jamais havia visto.

Naquele dia, nosso salmão foi considerado o maior peixe da doca de Olson. Pelo menos, foi o maior que já vi. Voltei para nosso acampamento em Tretrevick, no Chevy 1970 de papai, com os olhos grudados no grande peixe prateado. A dor nos braços e nas costas lembrava-me de meu feito. Mesmo sem forças, tinha enrolado a carretilha. Fiz algo que pensei que não conseguiria e, agora, tinha meu nome gravado no melhor peixe que já vira.

Minha família reuniu-se para a foto. Mamãe pegou a câmera e contou:

- Um, dois... - eu sorri, lutando para segurar o salmão no alto.
- Papai colocou os braços em meu ombro e sussurrou:
- É seu peixe, filho.